

A Compreensão do Sentido Inscrito em *Making a Difference*

letrônica

Cristina Rörig*

1 Introdução

Objetiva-se, com este trabalho, a realização de uma análise discursiva, com base na Teoria da Argumentação na Língua (ANL) de Oswald Ducrot e colaboradores. A escolha dessa perspectiva teórica deve-se ao fato de a ANL mostrar a vinculação entre o sistema e o seu emprego e estudar o sentido construído por um *locutor* para um *interlocutor*. Ao se analisar um discurso pela ANL, é possível compreender como as palavras, frases e discursos se relacionam, bem como apreender o percurso lingüístico traçado pelo locutor ao argumentar.

Apesar de se propor uma única análise de um texto em língua inglesa neste trabalho (devido à sua delimitação como artigo), considera-se que essa pode servir de início para uma reflexão sobre um olhar enunciativo do discurso em sala de aula. Menciona-se também que este trabalho faz parte de uma pesquisa realizada sobre a leitura de textos em língua inglesa, vinculada à linha Texto, Enunciação e Discurso – Teorias e Aplicação. O discurso analisado foi retirado de um livro didático de língua inglesa para o ensino médio, sendo esse um recurso bastante utilizado pelo professor para preparar sua aula.

* Bolsista CNPq, Doutoranda em Lingüística Aplicada, Núcleo de Estudos do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS. e-mail: crisorrig@hotmail.com. Este artigo relaciona-se à dissertação de mestrado realizada pela autora: *A leitura em língua inglesa pela Teoria da Argumentação na Língua*, apresentada em janeiro de 2008, na PUCRS.

Para a organização deste texto, na primeira parte, apresentam-se os conceitos fundamentais da ANL, focalizando-se a Polifonia e a Teoria dos Blocos Semânticos. Em seqüência, desenvolve-se a análise do discurso pela ANL e tecem-se considerações sobre essa leitura, evidenciando a construção de sentido pelo lingüístico.

2 A Teoria da Argumentação na Língua

Com o objetivo de estudar como o uso da linguagem produz sentido, a ANL¹ busca analisar a argumentação contida na língua. Assim, o sentido é argumentativo e argumentar é expressar um ponto de vista num discurso. Ducrot (1987) busca o sentido na linguagem e pela linguagem. A linguagem é autorepresentativa, coloca a subjetividade do *eu* na interpretação. O locutor expressa seu ponto de vista no discurso, portanto não é possível aceitar o caráter objetivo na linguagem. Dessa forma, a argumentação é uma subjetividade inevitável. A linguagem serve para falar do mundo, e as coisas do mundo são, para o sujeito falante, suportes para a expressão de sua subjetividade, de suas argumentações.

O estruturalismo constitui o modo de entender a linguagem pela ANL, uma vez que essa se relaciona com as idéias de Fernand de Saussure. Saussure estabeleceu a oposição língua/fala ao definir a língua como o objeto de estudos da Lingüística, atribuindo um caráter científico para os estudos realizados sobre a linguagem. Ducrot (1987) vai além da proposta de estudos de Saussure, mostrando a importância do uso da linguagem pela relação entre língua/fala. Assim, na ANL, o sentido se constrói na articulação desses elementos e se verifica nas relações estabelecidas entre o uso das palavras e das frases no enunciado.

A frase é um objeto teórico, definida como uma estrutura lexical e sintática. Do ponto de vista semântico, a frase contém em si a significação, que é um conjunto de instruções que, numa dada situação de enunciação, conduz à construção de sentido do enunciado. Segundo Ducrot (1987), é preciso atribuir uma significação a cada uma das frases para descrever semanticamente a língua. Para isso, é preciso levar em conta a enunciação, o uso. Dessa forma, a língua é constituída em relação à fala, mantendo o princípio estruturalista de que o

¹ A ANL surgiu com a publicação do livro *L'argumentation dans la langue*, de Jean Claude Anscombe e Oswald Ducrot em 1983. Nesta obra constam textos publicados entre 1975 e 1981 sobre o assunto. Nos dois últimos capítulos desse livro, os autores colocam sua hipótese base de que a argumentação é o fator essencial para a apreensão do sentido do enunciado, que o sentido do enunciado é argumentativo e a argumentação está inscrita na língua. A Teoria conta com três fases no seu desenvolvimento: a primeira fase: forma *standard* (1983); a segunda fase: a teoria dos *topoi* e da polifonia (DUCROT, 1988); a fase atual: a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS - 1992).

significado de uma expressão reside nas relações dessa expressão com outras expressões da língua.

A significação é um conjunto de instruções dadas para construir um conteúdo a partir da situação de enunciação; as instruções especificam quais manobras realizar para associar um sentido ao enunciado. O sentido é uma construção realizada através de relações a partir das instruções especificadas na significação. Dessa forma, a significação e a frase são de naturezas distintas.

O enunciado é o observável, a manifestação, a ocorrência histórica de uma frase. Segundo Ducrot (1987), o enunciado traz consigo uma qualificação de sua enunciação, o que constitui seu sentido. O sentido, segundo Ducrot (1987), refere-se à descrição da enunciação. A enunciação não é o ato de alguém que produz um enunciado, mas o fato de que um enunciado aparece.

Entende-se, também, que a enunciação é um acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado, produzido por um *locutor*, designado por *eu*, ser discursivo, distinto do autor empírico, para um *interlocutor*, determinado por uma segunda pessoa, também um ser discursivo. O *locutor* pode coincidir com o sujeito empírico no discurso oral.

A ANL justifica-se como uma teoria enunciativa, pois contribui para o estabelecimento de um pensamento sobre a enunciação na linguagem, uma vez que considera o *eu-locutor/tu-interlocutor* no discurso. Ao identificar um *locutor* produtor de discurso para um *interlocutor*, e na relação entre esses dois seres discursivos, o locutor argumenta em relação ao que está sendo dito. A construção da argumentação se realiza pela enunciação do locutor, com a observação de um ponto de vista do locutor em seu discurso. Dessa forma, o sentido de um enunciado é constituído por pontos de vista, e a origem dos pontos de vista são os enunciadorees.

O sentido decorre das relações entre argumentações, e só o locutor pode expressá-las, o que permite entender que o sentido é decorrente do uso e não é o mesmo que está no sistema. A frase, pela instrução, prevê o sentido do enunciado.

As relações entre o locutor e o interlocutor e entre o locutor e outros discursos traz a idéia de polifonia, que explica como ocorre a vinculação do locutor com os enunciadorees, como se reconhecem os pontos de vista apresentados pelo locutor.

3 A Teoria Polifônica da Enunciação

Ao propor a teoria da polifonia, Ducrot procura mostrar que o autor de um enunciado não se expressa diretamente, mas põe em cena, num mesmo enunciado, um certo número de vozes, de pontos de vista. O sentido do enunciado, assim, resulta do confronto entre esses diferentes pontos de vista (DUCROT, 1988). Dessa forma, Ducrot contesta a unicidade do sujeito falante do discurso que predomina na lingüística, segundo a qual para cada enunciado há somente um sujeito que fala.

Nessa nova perspectiva, um mesmo enunciado apresenta vários sujeitos com estatutos lingüísticos diferentes: a do sujeito empírico, representado por λ ; a do locutor, L; a do enunciador, E.

O sujeito empírico é o autor real, o produtor do enunciado. Ducrot (1988) determina, por uma necessária delimitação do observável, que o sujeito empírico não é objeto de estudo da lingüística, não é um problema lingüístico, e sim da Sociolingüística ou da Psicolingüística. O lingüista semanticista deve se preocupar com o sentido do enunciado, em descrever o que diz o enunciado. O que interessa é o que está no enunciado e não as condições externas de sua produção.

O responsável pelo enunciado é o locutor, o qual tem marcas presentes no enunciado. O locutor é autor inscrito no sentido do enunciado. O locutor pode ser totalmente diferente do sujeito empírico, por exemplo, quando é um personagem fictício a quem o enunciado atribui a responsabilidade da sua enunciação. A diferença entre locutor e sujeito empírico permite dar voz a seres que seriam incapazes de falar, como no caso dos dizeres colocados em lixeiras do tipo “Não duvide em utilizar-me” (DUCROT, 1988, p.18), em que o *me* refere-se à lixeira, que, no entanto, não é o sujeito empírico.

Por último, Ducrot (1988) apresenta a definição de enunciador, que é a origem do ponto de vista de um enunciado. Para isso, Ducrot admite que “todo enunciado apresenta um certo número de pontos de vista relativos às situações de que se fala” (DUCROT, 1988, p. 19). Os enunciadores se expressam pela enunciação; se eles falam, é somente no sentido de que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas palavras (DUCROT, 1987). Os enunciadores são os pontos de vista identificáveis a partir do enunciado.

O locutor, como responsável por um enunciado, dá existência, por meio desse, aos enunciadores; a partir deles, o locutor organiza os pontos de vista e as atitudes. A posição própria do locutor pode se manifestar quando ele se assimila a um dos enunciadores, representando-se por meio desse; ou, simplesmente, porque optou por fazê-los aparecer.

Ducrot (1988) coloca que o locutor pode ter diferentes atitudes relativamente aos pontos de vista, intermediadas pelas atitudes frente aos enunciadores. O locutor pode identificar-se com um enunciador, quando toma uma atitude afirmativa; pode simplesmente concordar com um enunciador; ou opor-se a ele. Dessa forma, o locutor tem a responsabilidade da escolha dos enunciadores.

Os enunciadores referem-se a falas virtuais, de um discurso considerado sem que ninguém o tenha pronunciado, nem mesmo sob outra forma. Os enunciadores constituem uma representação lingüística da realidade, sendo que apenas eles “vêem” as coisas, mas não as vêem através das palavras. Os locutores agem sobre os interlocutores pelos discursos que lhes endereçam. Os locutores assumem essa função comunicativa quando tomam partido frente a diferentes representações que formam os discursos dos enunciadores. Dessa forma, a relação entre o locutor e o enunciador configura o sentido do enunciado.

Identificar os enunciadores e reconhecer os pontos de vista assumidos pelo locutor em seu discurso constitui uma das formas de compreender o sentido dos enunciados, e do discurso. Dessa forma, verifica-se que o conceito de polifonia é importante para a leitura. Ler os pontos de vista apresentados pelo locutor leva à construção do sentido.

4 A Teoria dos Blocos Semânticos (TBS)

Segundo a TBS, o sentido de um elemento lingüístico não está constituído pelo que o mundo diz das coisas, como relações, propriedades, crenças e idéias, mas sim, pelo sentido formado por discursos que uma palavra evoca (CAREL; DUCROT, 2005). Os conjuntos doadores de sentido são denominados *encadeamentos argumentativos*. A inovação trazida pela TBS está no modo de ver a relação entre os termos relacionados pelo conector, acrescentando à argumentação em *donc* (portanto), que constrói encadeamentos normativos, e a argumentação transgressiva em *pourtant* (no entanto). Assim, dois segmentos são relacionados por um conector (DC - *donc*, ou PT - *pourtant*) para a construção de uma unidade de sentido, de um bloco semântico.

Os dois encadeamentos, normativo e transgressivo, são explicados por Carel e Ducrot (2005) como sendo a manifestação de um eixo ideal, em que cada um dos encadeamentos constrói seu sentido somente na relação com o outro, ocorrendo uma interdependência semântica. Por exemplo, o enunciado *Ele é inteligente, por isso foi aprovado* constitui um encadeamento argumentativo, e um aspecto representativo desse encadeamento é: *inteligente DC aprovado*, e o enunciado *Ele é inteligente, mas não foi aprovado* pode ser representado

pelo aspecto: *inteligente PT neg-aprovado*. Assim, o sentido de *inteligente* somente pode ser construído em relação com o que se enuncia sobre *inteligente*, e os aspectos normativo e transgressivo são interdependentes semanticamente, fazem parte de um mesmo bloco semântico.

Ao explicar a interdependência semântica entre os segmentos unidos em X CON² Y, Ducrot, por convenção, chamará A, ao segmento X, e B ao segmento Y. Esses segmentos podem estar ou não seguidos de uma negação e devem ser possíveis de se conectarem por DC ou PT para que se estabeleça um encadeamento semântico.

A partir de A e B, é possível construir oito conjuntos de encadeamentos, os aspectos argumentativos, e esses aspectos, teoricamente possíveis, podem ser agrupados em dois blocos de quatro aspectos cada. A interdependência semântica entre A e B é a mesma entre os quatro aspectos presentes num bloco (CAREL; DUCROT, 2005). Os dois blocos semânticos definidos por Ducrot são representados por:

<i>BS1 - João é rico portanto é feliz.</i>		BS2 - João é rico portanto não é feliz.	
Formalização	Exemplificação	Formalização	Exemplificação
A CON B	rico DC feliz	A CON Neg-B	<i>rico DC neg-feliz</i>
A CON' Neg-B	rico PT neg-feliz	A CON' B	<i>rico PT feliz</i>
Neg-A CON' B	neg-rico PT feliz	Neg-A CON B	<i>neg-rico DC feliz</i>
Neg-A CON Neg-B	Neg-rico DC neg-feliz	Neg-A CON' Neg-B	<i>neg-rico PT neg-feliz</i>

Tab. 1 – Blocos Semânticos

Os aspectos argumentativos podem apresentar uma relação de reciprocidade, conversão ou transposição, mostrados no quadro abaixo:

<i>Relação entre os aspectos argumentativos</i>	<i>Formalização</i>	Exemplificação
<i>Reciprocidade: quando o termo positivo de um lado aparece negado do outro, e o conector se conserva.</i>	(a) A CON B (b) Neg-A CON Neg-B	No caso de <i>rico DC feliz</i> , o seu aspecto recíproco é <i>neg-rico DC neg-feliz</i> .

² Usa-se CON tanto para designar as palavras da língua responsáveis pelo caráter normativo ou transgressivo de um encadeamento do discurso (como porque, mas, ainda que), quanto para designar os termos abstratos DC e PT, que nomeiam os aspectos argumentativos. Esses aspectos fazem parte de um mesmo bloco semântico. Outra observação, se CON designa um conector de certo tipo, seja normativo ou transgressivo, o CON' designará um conector de outro tipo, por exemplo, se CON refere-se a um DC, CON' será em PT.

	(a') A CON neg-B (b') Neg-A CON B	E, em <i>rico DC neg-feliz</i> , seu aspecto recíproco será <i>neg-rico DC feliz</i> .
<i>Conversão</i> : ocorre quando se mantém o primeiro termo, A, permuta-se de CON para CON' e nega-se o segundo termo.	(c) A CON B (d) A CON' Neg-B (c') A CON neg-B (d') A CON'B	Em <i>rico DC feliz</i> , o aspecto converso é <i>rico PT neg-feliz</i> . O aspecto converso de <i>rico DC neg-feliz</i> é <i>rico PT feliz</i> .
<i>Transposição</i> : quando se passa de um aspecto a outro, nega-se o primeiro termo, troca-se o conector e se mantém o segundo termo.	(e) A CON B (f) Neg-A CON' B (e') A CON neg-B (f') neg-A CON' neg-B	O aspecto transposto de <i>rico DC feliz</i> é <i>neg-rico PT feliz</i> . Em <i>rico DC neg-feliz</i> , seu aspecto transposto pode ser representado por <i>neg-rico PT neg-feliz</i> .

Tab. 2 - Relação entre os Aspectos

Ao observar as relações estabelecidas entre os segmentos em um enunciado, ou a argumentação seguida de uma palavra, devido aos possíveis aspectos que essa apresenta, faz-se uma leitura com base lingüística em busca da construção de sentido.

5 A leitura pela Teoria da Argumentação na Língua

Pode-se entender que ler, pela ANL, é compreender o sentido que deriva do lingüístico, que está inscrito na língua. Para que seja possível essa compreensão, é preciso observar as relações entre as palavras e expressões, entre as frases e entre discursos. Assim, a leitura se dá a partir de um discurso produzido por um locutor para um interlocutor, sendo a língua um lugar de encontro para os indivíduos.

Como Ducrot diferencia discurso de texto, e toma texto como um construto teórico, e discurso como observável, com o encadeamento de enunciados, é possível pensar a leitura como a compreensão de discursos. Lê-se o discurso produzido. A ANL não toma por seu objeto de estudos a produção dos enunciados, ou seu processamento. O foco dessa teoria é o estudo do discurso, a fim de procurar a compreensão do sentido contido no lingüístico. Essa compreensão não significa apenas uma decodificação das palavras, e sim uma real compreensão do que essas palavras representam e de quais relações estão estabelecidas por elas no discurso.

Pela ANL, como teoria enunciativa, o discurso é produzido para um interlocutor, que será o leitor do texto. O interlocutor pode ser identificado por marcas lingüísticas utilizadas pelo locutor na construção do discurso, no entanto, não se trata de um ser real no mundo, mas de um ser discursivo também. Por exemplo, pode-se dizer que um discurso tenha sido produzido para professores no dia quinze de outubro, no entanto, essa afirmação decorre do reconhecimento de marcas lingüísticas e não se identifica no mundo os seres reais receptores do discurso, mas uma representação desses.

A ANL estuda o discurso enunciado pelo locutor, focalizando a análise dos enunciados para chegar ao sentido. Por isso, o autor, enquanto sujeito no mundo, equivale ao sujeito empírico de Ducrot, e não é objeto de estudos da ANL. Não há um estudo dos aspectos psicológicos, ou da biografia do autor, para se atribuir sentido ao discurso que fora produzido pelo autor. Ocorre um estudo do discurso produzido por um locutor, o ser discursivo, buscando-se nos enunciados as relações semânticas estabelecidas e a polifonia que levem à construção do sentido.

Assim, ler os enunciados produzidos por um locutor implica a análise dos enunciadores presentes nesse discurso e a compreensão da relação do locutor com esses enunciadores. Verificam-se qual enunciador é assimilado pelo locutor e quais são as atitudes assumidas pelo locutor em relação aos enunciadores em seu discurso para apresentar seu ponto de vista, para argumentar. Pode-se inferir da ANL que ler é reconhecer o(s) ponto(s) de vista do locutor e compreender a argumentação subjacente ao discurso.

Essa concepção de leitura, ao ser transposta para o ensino da linguagem, pode modificar toda uma forma de abordagem e concepção de entendimento do discurso pelo professor. Ao olhar o discurso pela ANL, o professor busca no lingüístico a compreensão primeira do sentido. A partir dessa análise, do discurso escrito ou oral, é possível uma aproximação do sentido construído pelo *locutor* em seus enunciados. Conseqüentemente, o interlocutor pode compreender o locutor por meio do seu discurso, da língua. E o interlocutor, ao se posicionar sobre um discurso, se transforma em locutor, assumindo pontos de vista próximos ou distintos do que foi lido para argumentar.

Quando o lingüístico não for suficiente em si para a compreensão, essas lacunas podem ser preenchidas com informações contextuais, porém, essas devem ser evocadas e permitidas pelo lingüístico. O trabalho com o discurso terá o movimento de ir do lingüístico para expressar subjetivamente o entendimento do mundo e do outro.

6 A construção de sentido do discurso pela ANL: análise de um discurso

6.1 Metodologia

Para a leitura do discurso³ com base na Teoria da Argumentação na Língua, metodologicamente, serão levantados os enunciados discursivos aplicando-se os conceitos teóricos relacionados à Teoria dos Blocos Semânticos e da Polifonia. Tal estudo compreende:

- a) o levantamento da argumentação interna (AI) aos enunciados, ou seja, a representação desses enunciados.
- b) o levantamento das argumentações internas (AI) ao léxico - a argumentação interna (AI) é a paráfrase de uma entidade, sendo que essa não participa do segmento; por exemplo, AI (*prudente*): *perigo DC precauções* (DUCROT, 2002).
- c) o levantamento das argumentações externas (AE) ao léxico - constituída por aspectos cujos encadeamentos contêm essa palavra como um dos segmentos do encadeamento (CAREL; DUCROT, 2005), por exemplo, encadeamentos à direita (AE à direita) possíveis de serem feitos a partir de *prudente*, em: *Pedro é prudente, portanto não sofrerá acidentes. Pedro é prudente, portanto estará seguro*; encadeamentos à esquerda (AE à esquerda) como: *Ele toma cuidado, portanto é prudente*. Nesses casos, a palavra é ela mesma possuidora de uma parte da argumentação.
- d) a identificação dos enunciadores (polifonia, em termos de aspectos, de acordo com a TBS).
- e) a identificação e compreensão do papel dos articuladores nos enunciados e nos discursos que articulam - representados pelo termo metalingüístico *mas*, têm a função de comparar as argumentações que constituem o sentido de discursos que o precedem ou que seguem. Cada um dos segmentos articulado por *mas* será um enunciado, um discurso, e cada um deles está associado separadamente a um aspecto argumentativo.
- f) a identificação dos blocos semânticos (BS) construídos no discurso.
- g) a construção do bloco semântico (BS) representativo do texto como um todo.

³ Ducrot faz uma diferenciação teórica entre texto e discurso. No entanto, para as análises e considerações, o termo texto não será adotado segundo o conceito de Ducrot, e sim será tomado como referência ao material lingüístico produzido por um locutor, que corresponderia ao discurso. Ou seja, os dois termos serão tomados como sinônimos.

Esses passos de análise não seguem uma ordem, são realizados de acordo com a leitura do discurso e a construção de sentido que se estabelecem linguisticamente nos encadeamentos argumentativos derivados dos enunciados.

6.2 Análise

O discurso selecionado para análise se encontra na primeira parte de um livro didático (LD), direcionada para o primeiro ano do ensino médio, na *Unit 11* (Unidade 11). A página de abertura da unidade contém o título do texto, *Making a difference* (fazer a diferença), o parágrafo introdutório do texto, e uma imagem do mar ao fundo. Nesta primeira página, há duas perguntas que levam o aluno a pensar sobre o sentido do título. Uma dessas perguntas faz com que o aluno relacione o possível sentido do título com a imagem do mar.

A *Unit 11* está dividida nos itens *General Comprehension*, *Word Study*, *Detailed Comprehension Structure*, *Getting the Message* e *Talk it over* (Compreensão geral, Estudo da palavra, Compreensão detalhada, Estrutura, Entender a mensagem, Fale sobre isso).

Esse discurso é uma versão adaptada de um texto publicado no livro referido ao final da história. Entende-se a simplificação desse discurso para o livro didático como sendo uma produção deliberada de uso pedagógico, e, conforme as instruções do manual para o professor do próprio LD, essa adaptação tem por finalidade a apresentação de estruturas e exemplos de língua em uso a serem estudadas na respectiva unidade.

Making a difference

I remember something that happened during my vacation in Ceara, in the northeast of Brazil. The sun was rising and I was taking a walk along one of those lovely desert beaches.

While I was walking down the beach, I began to see a man in the distance. As I came nearer, I noticed the man was bending down, picking something up and throwing it out into the water. He did that many times. Time and again he continued throwing things out into the ocean.

As I came even closer, I saw that he was a fisherman. He was picking up starfish that had been washed up on the beach and, one at a time, he was throwing them back into the water.

I was curious. I approached the fisherman and said, "Good morning, friend. I was wondering what you are doing."

“I’m throwing these starfish back into the ocean. You see, it’s low tide right now and all of these starfish are up here on sand. If I don’t throw them back into the water, they’ll die up here from lack of oxygen.”

“I understand”, I said, “but there are thousands of starfish on this beach. You can’t possibly get to all of them. There are simply too many. And don’t you realize that at this time this is probably happening on hundreds of beaches all up and down this coast? Can’t you see that you can’t probably make a difference?”

The man smiled, bent down one more time and picked up another starfish. He threw it back into the sea and answered, “I made the difference to that one!”

(Adapted from “One at a time”, Jack Canfield and Mark V. Hansen, in Chicken soup for the Soul, Health Communication, Inc, Deerfield Beach Florida, 1993).

Fazer a diferença

Eu lembro algo que aconteceu durante minhas férias no Ceará, no nordeste do Brasil. O sol estava nascendo e eu estava caminhando ao longo de uma daquelas adoráveis praias desertas.

Enquanto eu estava caminhando pela praia, eu comecei a ver um homem ao longe. Como me aproximei, eu percebi que o homem se abaixava, pegava alguma coisa e a atirava de volta para a água. Ele fez isso muitas vezes. Repetidamente ele continuava atirando coisas de volta para o oceano.

Como me aproximei mais ainda, eu vi que era um pescador. Ele estava pegando estrelas-do-mar que tinham sido deixadas na praia e, uma por vez, ele as atirava de volta ao mar.

Eu estava curioso. Aproximei-me do pescador e disse, “Bom dia, amigo. Estou querendo entender o que você está fazendo.”

“Eu estou atirando essas estrelas-do-mar de volta ao oceano. Como você pode ver, a maré está baixa agora e todas essas estrelas-do-mar estão aqui na areia. Se eu não jogá-las de volta à água, elas morrerão aqui por falta de oxigênio.”

“Entendo”, disse, “mas há milhares de estrelas-do-mar nesta praia. Você provavelmente não poderá pegar todas. Há muitíssimas. E você não se dá conta de que a esta

hora isso está provavelmente acontecendo em milhares de praias em toda a costa? Você não vê que você não pode fazer a diferença?

O homem sorriu, abaixou-se uma vez mais e pegou outra estrela-do-mar. Ele a atirou de volta ao mar e respondeu, “Eu fiz a diferença para esta!”

(Adaptado de “One at a time”, Jack Canfield e Mark V. Hansen, em Chicken Soup from the Soul, Health Communications, Inc, Praia de Deerfield, Flórida, 1993).

Segue a análise desse discurso⁴ pela ANL. Nessa análise identificam-se dois locutores: L1 - o turista, L2 - o pescador.

Primeiro enunciado: *I remember something that happened during my vacation in Ceara, in the northeast of Brazil. The sun was rising and I was taking a walk along one of those lovely desert beaches.*

Ao ler esse primeiro enunciado, pode-se compreender o encadeamento normativo representado por: *story about a vacation in Ceara DC something in the past*. Esse encadeamento inicia o discurso e situa o leitor no tempo (férias) e no espaço (Ceará).

Segundo enunciado: *While I was walking down the beach, I began to see a man in the distance. As I came nearer, I noticed the man was bending down, picking something up and throwing it out into the water. He did that many times. Time and again he continued throwing things out into the ocean.*

Resume-se esse parágrafo em um único enunciado, o qual reflete a visão das ações que um homem estava realizando na praia, representado pelo encadeamento normativo: *a man was repeating the same action many times DC he was bending down, picking something up and throwing it out into the water*.

Observa-se que houve uma descrição das ações de um homem, no entanto, ainda não foi dito quem era esse homem e o que ele estava pegando no chão e atirando ao mar. Os

⁴ O discurso está dividido em enunciados, conforme uma compreensão do sentido, porém, pode haver outras compreensões. A definição dos enunciados no discurso ainda é um tema em estudos pela ANL.

referentes de *a man*, *the man*, *something*, *it* e *things* estão encadeados com o enunciado seguinte. A construção de sentido se dará na relação entre os enunciados.

Ressalta-se que há ênfase na frequência das ações do homem, com o uso das expressões *many times* e *time and again*. Ao reforçar a repetição das ações, ocorre uma argumentação, em que o L1 se sentiu atraído para saber o que o homem estava fazendo, que desperta a curiosidade do interlocutor (leitor) motivando-o a seguir com a leitura. Desse raciocínio, depreende-se o encadeamento: *unknown man repeating gestures DC curiosity*.

Terceiro enunciado: *As I came even closer, I saw that he was a fisherman. He was picking up starfish that had been washed up on the beach and, one at a time, he was throwing them back into the water.*

Nesse momento, o L1 enuncia em seu discurso uma definição do homem e do que ele estava atirando ao mar. A palavra *fisherman* diz que se tratava de um pescador e se refere a *a man* e *the man*, e *starfish* será a referência para *something*, *it* e *things* do enunciado anterior. Com essa relação, há uma construção de sentido, pois já se identifica quem era o homem e o que ele estava jogando ao mar. O que permite essa definição é a ligação dos enunciados pela expressão *even closer*. A aproximação marcada por essa expressão permite L1 definir os elementos da cena. Outra marca de sentido é o verbo *saw*, que contém a AE (*see*): *see DC to be aware of what is around you by using your eyes*.

Quarto enunciado: *I was curious. I approached the fisherman and said, "Good morning, friend. I was wondering what you are doing."*

Nesse momento do discurso, o L1 se enuncia diretamente para um interlocutor interior ao discurso, na forma de diálogo, sendo que esse *interlocutor* pode ser atribuído ao pescador. No momento em que o pescador for se enunciar ao L1, ele se transformará num outro locutor, L2.

O enunciado do L1 pode ser representado pela argumentação interna: *the man was interested in learning about what the fisherman was doing DC the man talked to the fisherman*.

Quinto enunciado: *“I’m throwing these starfish back into the ocean. You see, it’s low tide right now and all of these starfish are up here on sand. If I don’t throw them back into the water, they’ll die up here from lack of oxygen.”*

No quinto enunciado, o pescador se enuncia, mostrando ao homem que caminhava pela praia o que estava fazendo, representada sua fala (enunciado) pelo encadeamento: *throwing starfish to the water DC saving starfish.*

Pela polifonia, apreende-se a argumentação contida nesse enunciado ao evocar os enunciadores:

E1: *throwing starfish to the water DC saving starfish*

E2: *neg- throwing starfish to the water DC neg-saving starfish.*

O L2 assume E1, e rejeita E2. Ao assumir E1, o locutor mostra como atua sobre a realidade, modificando-a. O aspecto de E2 representa a forma como o locutor vê a realidade.

Sexto enunciado: *“I understand”, I said, “but there are thousands of starfish on this beach. You can’t possibly get to all of them. There are simply too many. And don’t you realize that at this time this is probably happening on hundreds of beaches all up and down this coast? Can’t you see that you can’t probably make a difference?”*

A resposta de L1 ao argumento de L2 mostra um outro ponto de vista: *neg-throwing all starfish to the water DC neg-saving starfish.* E a essa argumentação, há o encadeamento de uma conclusão: *neg-saving starfish DC neg-making a difference.*

Sétimo enunciado: *The man smiled, bent down one more time and picked up another starfish. He threw it back into the sea and answered, “I made the difference to that one!”*

A argumentação interna desse enunciado de L2 por ser representada por: *saving one starfish DC making a difference to it.*

No discurso, verifica-se que há dois blocos semânticos, um construído pelo turista - L1, e outro construído pelo pescador, L2, sendo eles:

<i>BS do turista</i>	BS do pescador
<i>saving all starfish DC making a difference</i>	<i>saving one starfish DC making a difference</i>
<i>neg-saving all starfish DC neg-making a difference</i>	<i>neg-saving one starfish DC neg-making a difference</i>

Tab. 3 – Sentidos do Discurso

Os dois blocos são diferentes e opostos por *all* x *one*, e cada locutor assume um dos aspectos conversos do bloco que construiu, sendo que o turista afirma: *saving all starfish DC making a difference* e o pescador: *saving one starfish DC making a difference*.

Ao voltar para o discurso como um todo, pode-se compreender que o sentido do discurso argumenta que salvar uma estrela do mar faz a diferença. Assim, o pescador não salvou todas as estrelas do mar, mas fez a diferença ao salvar uma. Representa-se o bloco semântico desse discurso pelo encadeamento: *neg-saving all starfish PT making a difference*.

6.3 Reflexões sobre a análise

Falar do uso da linguagem é falar da argumentação. Ao se analisar o discurso produzido por um locutor, é necessário que se preste atenção às palavras que foram escolhidas por esse locutor e para a continuação que elas terão no discurso. Esse encadeamento determina o sentido das palavras no discurso. Esse encadeamento é que irá determinar o sentido das palavras no discurso. Por exemplo, no enunciado *Cláudio é feliz, ele tem um carro novo*, a felicidade é relacionada à posse de um bem: *ter um bem DC felicidade*. Já em *Cláudio é feliz. Ele ama Carolina*, o encadeamento *amar DC felicidade* mostra que o termo feliz é o mesmo nos dois enunciados, mas o sentido é diferente. A identificação e a compreensão das relações estabelecidas entre os segmentos em um enunciado, e da argumentação decorrente de uma palavra devido aos possíveis aspectos que esta apresenta, possibilitam uma leitura com base lingüística em busca da construção de sentido.

No discurso analisado, ocorre o desenvolvimento de uma história. Verifica-se que, ao iniciar a narração, os encadeamentos feitos pelo locutor aproximam o interlocutor da cena, por meio de uma descrição maior até a especificação de informações imprecisas. As marcas

indefinidas do início do discurso farão sentido no desenrolar desse, pelas relações estabelecidas, como em *one man DC fishman* ou em *it DC starfish*. O sentido global do discurso decorre das relações de oposição entre dois blocos semânticos: *saving one starfish DC making a difference, neg-saving all starfish DC neg-making a difference*. A oposição está marcada por *all x one* (todas x uma) e se dá entre dois locutores que colocam seus pontos de vista no discurso.

7 Considerações finais

Com a análise de *Makking a difference*⁵, foi realizada a leitura de um discurso em língua inglesa, por meio da Teoria da Argumentação na Língua, mais pontualmente da Polifonia e da Teoria dos Blocos Semânticos. Pretendeu-se mostrar a ANL como um subsídio teórico para o professor utilizar na construção do sentido de discursos em sala de aula.

Como os estudos de aplicação da ANL ao ensino ainda são recentes, há bastante a ser explorado com relação à metodologia e mediação para a sala de aula. No entanto, o fato de o professor apontar as relações semânticas das palavras para os alunos, por exemplo, as estabelecidas por *all* e *one* e verificar como essas funcionam no discurso, já possa ser uma forma de se iniciar um trabalho didático. A construção de sentido pela ANL pode complementar o ensino realizado (e de certa forma necessário) da identificação de aspectos morfológicos, fonológicos ou sintáticos.

Ressalta-se, novamente, que a teoria não deve ser levada aos alunos na forma como foi apresentada na leitura discursiva de *Makking a difference*. Cabe ao professor, ao entender e ler o discurso pela ANL, realizar uma mediação entre a teoria e o trabalho da leitura em sua sala de aula. Acredita-se que o conhecimento teórico auxilia o professor a dar sentido à sua prática, e, por meio da ANL, o docente pode auxiliar os seus alunos a refletirem sobre a linguagem a partir da própria linguagem. Essa ação, provavelmente, oportunizaria um crescimento da competência discursiva dos alunos.

Com a análise discursiva realizada pela ANL, pretendeu-se apresentar ao professor de língua inglesa as relações estabelecidas no discurso entre as palavras, frases e entre os discursos para a construção do sentido. Essa leitura que pode ser justificada e validada pelos elementos lingüísticos do texto, o que permite também a delimitação da leitura de um texto.

⁵. As reflexões aqui propostas foram realizadas para contribuir para os estudos que se ocupam da língua em uso, contudo, não foram explorados todos os recursos disponibilizados pela ANL, o que não seria possível com a análise de um único discurso.

Referências

- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. La argumentación en la lengua. In ANSCOMBRE, JEAN-CLAUDE; DUCROT, Oswald. *La argumentación en la lengua*. Versão espanhola de Julia Sevilla y Martha Tordesillas. Madrid, Espanha: Editorial Gredos, 1994, p. 27-73.
- CAREL, Marion. Para un tratamiento argumentativo de la predicación. In *Discurso Y Sociedad*, Editorial Gedisa (Barcelona), vol. 2 (4), 2000, p. 45-72. Texto traduzido do francês por Beatriz Díez, revisado por María M. García Negroni.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La Semantica Argumentativa*. Una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- DUCROT, Oswald. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- DUCROT, Oswald. Enunciação. In *Enciclopédia Enaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa Nacional, 1984.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- DUCROT, Oswald. La polifonía en lingüística In: DUCROT, Oswald. *Polifonia Y argumentación*. Conferencias del seminário teoría de la argumentacion y analisis del discurso. 1 ed. Cali: Universidad del Valle, 1988. p. 15-30.
- DUCROT, Oswald. Os internalizadores. In. A teoria da argumentação na língua: estudos e aplicações. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 7-26, setembro, 2002.
- DUCROT, Oswald. A pragmática e o estudo semântico da língua. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.40, n.1, p. 9-21, março de 2005.
- DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négacion. In. PERRIN, Laurent (org.). Le sens et ses voix. *Recherches linguistiques*. N 28. Presses Universitaires de Metz, p. 215-243, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 24 ed. SP: Cultrix, 2000. BALLY, Charles, SECHEHAYE, Albert (orgs).